

DOU  
11.06.97  
KPD 00 041  
Se 1  
11.962-4

DESPACHO Nº 26, DE 9 DE JUNHO DE 1997

Assunto: Processo FUNAI/BSB/2934/96. Referência: Terra Indígena KAMPA DO IGARAPÉ PRIMAVERA.  
Interessado: Grupo Indígena Kampa. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/2934/96, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo Luiz Fernando Machado de Souza, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena KAMPA DO IGARAPÉ PRIMAVERA, de ocupação do respectivo grupo tribal Kampa, com superfície e perímetro aprovados de 21.800 hectares e 82 km respectivamente, localizada no município de Tarauacá, Estado do Acre.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Acre, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

JÚLIO MARCOS GERMANY GAIGER

ANEXOS

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO  
DA TERRA INDÍGENA KAMPA DO IGARAPÉ PRIMAVERA.

Referência: Proc. 2934/96. Denominação: Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera. Localização: Município de Tarauacá, Estado do Acre. Superfície Aproximada: 21.800 ha. Grupo Indígena: Kampa. População: 19 Habitantes (1994). Identificação e Delimitação: GT PP 1204/93, coordenado pelo antropólogo Terri Valle de Aquino.

DADOS GERAIS

Os Kampa, em sua própria língua, autodenominam-se Ashaninka, que se pode traduzir por "seres humanos", ou simplesmente "gente", "povo". Trata-se de uma designação que lhes foi atribuída por outros grupos indígenas vizinhos, envolvidos no processo de contato interétnico com o mundo dos colonizadores espanhóis.

O termo Kampa (Campa) é atualmente a designação mais popular e usual pela qual os Ashaninka são conhecidos em ambos os lados da fronteira Brasil/Perú.

Embora todos os Kampa sejam considerados Ashaninka, isso não significa dizer que exista necessariamente uma solidariedade tribal entre eles. Há, ao contrário, constantes rivalidades intertribais, cujos conflitos tem diminuído consideravelmente ao longo do tempo, dada à grande dispersão espacial de suas comunidades e ao processo de apropriação de seus territórios tradicionais por integrantes da frente de expansão, tanto brasileiras como peruanas.

Os estudiosos que se dedicaram à classificação lingüística dos Kampa, quase sempre os consideraram como um grupo vinculado ao tronco Aruaque. Os Ashaninka falam diversos dialetos de uma língua que é partilhada por uma das maiores populações indígenas da América do Sul, que vive dispersa desde os pés das Cordilheiras dos Andes e das cabeceiras de inúmeros afluentes do alto rio Ucayali, no Perú, até os afluentes do Alto Juruá, no Acre, e no rio Madre de Dios, na Amazônia boliviana.

Os Kampa constituem um dos grupos indígenas mais numerosos da floresta amazônica. No Perú, sua população alcança a cifra expressiva de aproximadamente 30 mil indivíduos, habitando um território cuja delimitação esquemática é dada pelos rios Ucayali, Tambo, Pichis-Pachitea, Ene, Perené e Apurimac. São ainda encontrados na região montanhosa do Gran Pajonal, um altiplano de 1.500 metros sobre o nível do mar, situado aos pés da Cordilheira dos Andes. Próximo à fronteira peruana/brasileira, existem vários aldeamentos Kampa localizados nos rios Sheshea e Jene Pangia, além de pequenos assentamentos Kampa encontrados nas cabeceiras do rio Juruá, próximo à foz do rio Vacapistea.

Na região do Alto Juruá, no Estado do Acre, os Kampa vivem em pequenas aldeias situadas ao longo dos rios Breu, Amônia e Arara, afluentes do Juruá, e nas cabeceiras do rio Envira e no Igarapé Primavera, afluentes do rio Tarauacá. A população Kampa dessa região foi estimada pela Comissão Pró-Índio do Acre, em 1995, em aproximadamente 700 habitantes. Os poucos antropólogos que fizeram pesquisa de campo entre os Kampa do lado brasileiro, tem ressaltado a extrema mobilidade desses grupos na região do Alto Juruá. Os seringueiros da região chamam os Kampa de "povo de arribação", dada a grande instabilidade dos seus povoados naqueles rios acreanos. Ao fazer censo das pequenas aldeias Kampa desta região, percebe-se que alguns de seus membros ora estão visitando seus parentes nas cabeceiras dos rios Envira, Amônia, Breu e Juruá; ora estão nos rios Sheshea e Alto Ucayali (ambos no Perú), trabalhando com turmas de madeiros na extração de madeira-de-lei; ou ainda, simplesmente, viajando atrás do cipó "txamero", para mascar juntamente com folhas de coca e um pó de pedra adocicado chamado "itxico". Este cipó só existe no seringal Jardim da Palma, situado nas proximidades da foz do rio Acuriá, no interior da grande reserva extrativista do Alto Juruá (506.186 ha.).

Os antropólogos Anthony Seeger e Arno Vogt, que visitaram os Kampa dos rios Breu e Amônia, em 1978, afirmam que a instabilidade de seus povoados "faz parte de um mecanismo de adaptação à ecologia natural e social da região, constituindo um traço original da forma de contato desse grupo com a sociedade regional" (Seeger e Vogt, 1978:26).

Para a população Kampa, a Funai reconheceu até o presente quatro (4) terras indígenas no Acre, todas localizadas nas fronteiras do Brasil com o Perú, a saber: Terra Indígena Kampa do Rio Amônia (87.205 ha), Terra Indígena Kaxinawá-Ashaninka do Rio Breu (23.840 ha), Terra Indígena Kampa e Isolados do Rio Envira (245.800 ha) e Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera. Dessas quatro, apenas a primeira encontra-se regularizada. A Terra Indígena Kaxinawá-Ashaninka do Rio Breu encontra-se identificada e delimitada e a Terra Indígena Kampa do Rio Envira foi recentemente declarada pelo Exmo. Sr. Ministro da Justiça como de posse permanente indígena. A identificação da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera foi realizada através do GT PP 1.204/93, atendendo ao disposto na Portaria do Presidente da Funai nº 212, de 28 de fevereiro de 1994.

## HISTÓRICO

A presença dos Kampa em território acreano, data do início deste século, quando foram trazidos por caucheiros peruanos da região do Alto Ucayali e do Gran Pajonal, uma região aos pés dos Andes, para as cabeceiras do rio Juruá, e alguns de seus afluentes, como os rios Amônia, Breu, Jordão, Tarauacá e Envira. Todavia, os antropólogos Anthony Seeger e Arno Vogt responsáveis pelo primeiro levantamento demográfico, sócio-econômico e cultural das populações Kampa dos rios Amônia e Breu, em 1978, levantaram a hipótese da presença dos Ashaninka na região do Alto Juruá ter ocorrido ainda no século XVII (Seeger e Vogt, 1978).

Na maioria dos rios da região do Alto Juruá foi apenas a partir do início da década de 10, cerca de 20 anos após a abertura dos primeiros seringais, que a mão-de-obra indígena passou a ser sistematicamente utilizada nas atividades extrativistas.

No início da década de 60, o seringalista Ribamar Moura, arrendatário de seringais do rio Jordão, fez um contrato com o peruano Júlio Peres, patrão do seringal Jacobina, para que este enviasse 10 famílias Kampa para residir no seringal Revisão, prestando segurança a seus fregueses contra ataques e saques praticados pelos índios "brabos" (arredios), além de ter que caçar, pescar e cultivar roçados para o barracão.

A iniciativa de garantir a segurança dos fregueses continuou até início dos anos 80, quando os Kaxinawá retiraram todos os ocupantes não-índios e passaram a controlar esses seringais no final da década de 70. Contudo, os Kaxinawá foram impedidos pelos índios "brabos" de ocuparem plenamente o seringal Revisão, situado nas cabeceiras do rio Jordão.

Em 1980, três grupos familiares Kampa retiraram-se das cabeceiras do rio Jordão, indo morar no igarapé Primavera por vários anos, de onde mudaram-se para a Terra Indígena Kaxinawá do Rio Humaitá. Daí, após alguns anos, retiraram-se para as cabeceiras do rio Envira e foz do rio Tarauacá. Retornaram em 1991 ao igarapé Primavera, passando a ocupar inicialmente as capoeiras de suas antigas malocas e, posteriormente, as colocações Torre da Lua e Boca da Água Fria, situadas nos igarapés Primavera e Paranãzinho, onde vivem até os dias atuais.

## HABITAÇÃO PERMANENTE.

Atualmente três famílias Ashaninka, constituídas por 19 indivíduos, vivem em duas pequenas aldeias, a primeira situada na colocação Torre da Lua, nas cabeceiras do igarapé Primavera, e a segunda, no igarapé Paranãzinho, principal afluente da margem esquerda do Primavera. Este último, por sua vez, é afluente da margem esquerda do rio Tarauacá, e seu curso atravessa dois seringais, o Primavera e o Goiás.

As famílias Kampa do igarapé Primavera ocupam 3 casas, chefiadas por Turiano Luiz, Armando Manoel e o irmão deste, Laureano Manoel. Turiano, o mais velho do grupo, é considerado o chefe dos Ashaninka do Primavera. Sua pequena população confirma observações de que os Kampa são organizados em pequenos grupos familiares espalhados pela floresta, constituídos por 1 a 6 famílias nucleares ligadas por relações de parentesco. Suas pequenas aldeias raramente ultrapassam a 35 habitantes.

Após o recenseamento e levantamento sócio-econômico realizados por integrantes do GT PP 1.204/93, criado através do convênio realizado entre a Funai/Embaixada da Suíça/ Comissão Pró-Índio do Acre, junto aos grupos familiares Kampa do seringal Primavera, pôde-se levantar os seguintes dados referentes a distribuição por faixa etária e por sexo: de 0 a 5 anos foram registrados 1 homem e 2 mulheres; de 5 a 10 anos, 4 homens e 1 mulher; de 10 a 15 anos, 3 homens e 1 mulher; de 15 a 20 anos, 2 mulheres; de 25 a 30 anos, apenas 1 mulher; de 35 a 40 anos, registrou-se a presença de 1 homem e 1 mulher; de 45 a 50 anos registrou-se a presença apenas de 1 homem; e com mais de 50, registrou-se também a presença de 1 homem; perfazendo um total de 19 indivíduos.

## ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA.

A subsistência dos grupos familiares Ashaninka do Primavera é garantida basicamente pela agricultura e complementada pela caça, pesca e coleta. A atividade agrícola, comum a todos eles, é itinerante e extensa, ocupando terras firmes e praias, com técnicas antigas de derrubada e queimada de pequenas áreas da floresta necessárias à abertura de seus roçados. Na atividade de pesca, tem primazia as pescarias coletivas, geralmente realizadas com o uso de plantas tóxicas, dentre elas a "oaca". As caçadas, dada a importância da carne de caça na dieta alimentar do grupo e pelo adiestramento que exige dos caçadores, são realizadas frequentemente e de acordo com procedimentos culturais. A coleta complementa as necessidades de produtos não-alimentares e alimentares da floresta, nos períodos de entre-safra agrícola.

Para os Kampa do Primavera, a unidade econômica efetiva é o grupo familiar, constituído pelo pai, mãe, filhos solteiros, filhas solteiras e casadas, além dos genros, que ocupam a mesma casa ou um conjunto de casas situadas numa mesma colocação, ou aldeia. Um grupo local é composto por casas ligadas entre si por laços de consanguinidade ou afinidade.

A divisão sexual do trabalho é o princípio básico organizador da vida econômica dos grupos familiares Kampa. As distintas atividades desempenhadas pelos homens e mulheres são complementares e não conflitantes na sociedade Ashaninka.

O trabalho dos homens consiste em realizar todas as tarefas necessárias às práticas agrícolas de seus roçados de terras firmes e porotais, tais como, a "broca" do mato rasteiro e cipós, a "derrubada" das grandes árvores, a "queimada" da mata derrubada, a "coivara" e o "plântio" de distintas espécies e variedades de produtos agrícolas.

São ainda atribuições masculinas as caçadas, pescarias de arco-e-flecha e parte da coleta de produtos alimentares e não-alimentares da floresta. Os homens Kampa constroem suas próprias casas, ubás, tapiris, galinheiros e outras pequenas edificações, além de trazerem diariamente a lenha estocada em seus velhos e novos roçados.

Já as mulheres realizam diversas atividades cotidianas, como o cuidado com as crianças, a limpeza das casas e terrenos, o preparo dos alimentos e do "piarentsi" e a lavagem de roupas e utensílios domésticos. As mulheres são responsáveis também pelas últimas etapas do ciclo agrícola, especialmente a colheita e manutenção de seus roçados de terra firme e de praia. E sobretudo as mulheres plantam e fiam o algodão para tecelagem de "cusmas" e capangas. Realizam, junto com as crianças, a maior parte da coleta de produtos alimentares da floresta. Manejam os terreiros de suas casas com plantio de fruteiras e ervas medicinais. E ainda confeccionam equipamentos domésticos, adornos e objetos de uso pessoal.

Na atividade agrícola, a principal espécie cultivada pelos Kampa em terra firme é a mandioca, elemento indispensável às suas refeições diárias e ingrediente necessário na preparação do "piarentsi", a caçuma fermentada de mandioca. Cultivam também diversas variedades de milho, banana, batatas, além do inhame e o algodão.

Os plântios de feijão, especialmente uma variedade denominada "feijão poroto", introduzido por eles na região do Alto Juruá, e de arroz visam basicamente a comercialização no mercado regional.

Embora as caçadas sejam consideradas pelos Kampa como uma atividade prazerosa, principalmente se comparadas com os trabalhos cansativos e enfadonhos dos seus roçados de terra firme, a atividade de caça é de fundamental importância para a subsistência dos integrantes de seus grupos familiares.

As pescarias são comumente realizadas no verão, principalmente nos meses de julho a setembro. Nesse período, os Kampa costumam acampar nas praias, pescando e comendo peixes cozidos, moqueados em folhas de sororoca, ou assados na brasa. Nessa estação, quando as águas dos rios, lagos e igarapés estão limpas, a pesca passa a se constituir na mais importante fonte de suprimento alimentar diária dos grupos familiares Ashaninka.

Se as caçadas, por um lado, são atividades exclusivamente masculinas, nas pescarias, dependendo das técnicas empregadas, participam homens, mulheres e crianças.

Os igarapés Primavera e Paranãzinho são considerados "bons de peixe". Existem ainda dois lagos, situados próximos as margens do rio Tarauacá, dentro dos limites da Terra Indígena identificada, que também são considerados muito piscosos.

A coleta de produtos alimentares da floresta é uma atividade realizada especialmente por mulheres e crianças, sendo algumas vezes acompanhadas pelos seus maridos.

Os principais produtos coletados nas matas próximas às suas casas são uma grande variedade de frutas, mel de abelha, palmito, castanha e diversas espécies de larvas (de tanajura, de besouro e de borboletas), iguarias muito apreciadas pelos Kampa.

Para fins não-alimentares, as mulheres coletam cascas de aguano (mogno) e outros corantes vegetais, que são usados no tingimento de cusmas, suas vestimentas tradicionais, e linhas de algodão. Coletam ainda baunilha e algumas sementes e folhas aromáticas, que são utilizadas como perfume.

## MEIO AMBIENTE

As informações referentes à análise ambiental dessa terra indígena demonstram que o clima predominante na região é do tipo úmido/B3 (IBGE, 1994), com duas estações características: inverno e verão. Ocorrendo nos meses de junho e julho o fenômeno das "friagens". Os solos são classificados como Podzólico vermelho amarelo-eutrófico e Cambissolo eutrófico (IMAC, 1991). O relevo é do tipo suave ondulado de formação sedimentar com textura argilo-arenosa e sem rugosidade. Sua superfície apresenta uma cobertura vegetal predominante do tipo floresta ombrófila aberta, dominada por palmeiras ocorrendo manchas de bambú e árvores emergentes.

A comunidade indígena Kampa detém um vasto conhecimento da fauna e da flora existente em seu habitat, utilizando-se das mesmas segundo seus padrões culturais. A floresta caracteriza-se como fonte "inesgotável" de recursos utilizados nas construções, na alimentação e também na medicina. Existindo uma clara inter-relação entre os índios e o ambiente descritas, não apenas pelos produtos que retiram da floresta, mas também pela preservação desses recursos fundamentais à reprodução física e cultural do grupo.

## REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

As informações referentes à distribuição e composição demográfica da Camparia precisam ser avaliadas, considerando-se um dado fundamental, qual seja, a extrema mobilidade desse grupo indígena. Os regionais são unânimes ao qualificar os Kampa como "povo de arribação", maneira de designar um traço marcante da presença desse grupo na região do Alto Juruá. A relevância desse dado sustenta-se em duas constatações feitas em campo. Em primeiro lugar, as informações recorrentes sobre famílias, ou indivíduos, que estão viajando (visitando parentes em outras colocações), ou trabalhando em outras áreas da região, tornam difícil obter um quadro demográfico confiável dessa população indígena. Ainda mais quando grande parte destes indivíduos afirma ter a intenção de retornar para suas colocações originais.

Em segundo lugar, a referida mobilidade faz parte de um quadro geral onde se encontram determinantes de diversas ordens. A instabilidade dos estabelecimentos faz parte de um repertório de mecanismos de adaptação à ecologia natural e social da região, constituindo um traço original da forma de contato desse grupo com a sociedade regional, sobretudo. A hipótese de que as raízes dessa mobilidade possam se encontrar nos princípios culturais e estruturais que governam essa sociedade tem possibilidade de ser explorada com sucesso (Seeger e Vogt, 1978).

No que se refere aos aspectos cosmológicos do grupo, o antropólogo peruano Stefano Varese defende a tese de que a história de resistência cultural dos Kampa só se pode explicar, em grande parte, em função de uma forte e consciente adesão ao seu próprio mundo espiritual, que permeia por inteiro a cultura dos Kampa, mesmo após três séculos e meio de contato interétnico (Varese, 1969).

Para Varese, o fato de não haver grandes rituais entre os Kampa (salvo as reuniões noturnas que marcam o ciclo lunar) levou muitos missionários e viajantes a acreditar que este era um povo sem Deus e que não havia entre eles um sistema religioso estruturado. De acordo com esse antropólogo, "existem ritos de passagem, ritos funerários, ritos de adivinhação, de exorcismo e outros, mas sua modalidade sutil escapava à observação dos visitantes viracochas. Mesmo etnólogos do século XX não foram sensíveis a estas mensagens religiosas, até o ponto de negarem abertamente a existência de qualquer forma espiritual... Nesta perspectiva se compreenderá melhor a completa ignorância de um fenômeno tão profundamente religioso como a rebelião de Juan Santos Atahualpa" (Varese, 1969).

## LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

Os limites da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera incidem sobre grande parte do seringal Primavera e em áreas de terras limítrofes consideradas "devolutas", que foram incorporadas a este seringal no momento de expansão da economia da borracha na região do Alto Juruá.

Em março de 1994, os integrantes do GT da Funai recensearam seis grupos familiares não-índios, agregando 35 pessoas, distribuídas em seis colocações do seringal Primavera. Três delas classificadas como "colocações de margem" (União I, União II e sede do seringal Primavera), estão situadas à margem esquerda do rio Tarauacá. E as outras três, ditas "colocações de centro" (Recanto, Floresta e Repartição), estão situadas em ambas as margens do igarapé Primavera.

O igarapé Timbaúba limita essa terra indígena do seringal São Luiz. Os igarapés Curvão, Tracua e o próprio Primavera fazem limites com o seringal Goiás. Para evitar conflitos com seringueiros brancos, os Kampa decidiram deixar de fora dos limites de sua terra indígena parte do antigo seringal Primavera, incluindo algumas colocações na margem do rio Tarauacá e o local conhecido como sede do seringal Goiás, também situado na margem esquerda desse rio. Os limites reconhecidos entre os seringais Primavera e Tabocal acontecem pelo curso do igarapé Extrema. O seringal Goiás, por sua vez, está situado ao longo do igarapé Primavera, logo acima dos limites dessa terra indígena.

O valor total das benfeitorias de boa fé desses seis grupos familiares não-índios foi calculado em 7.467,69 UFIR, de acordo com as tabelas fornecidas pela EMATER e pela agência do BASA de Tarauacá.

## DELIMITAÇÃO E CONCLUSÃO

A Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera foi identificada através do GT PP 1.204/93, e apresenta uma superfície aproximada de 21.800 ha. e perímetro, também aproximado de 82 km.

De acordo com entendimentos mantidos, em março de 1994, entre os integrantes do GT da Funai e os chefes dos grupos familiares Ashaninka, a proposta de limites da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera ficou assim estabelecida:

"Na parte inferior da terra indígena, no rio Tarauacá, sobe-se pelo curso do igarapé Timbaúba, seu afluente da margem esquerda, até suas cabeceiras. Deste ponto, traça-se uma linha seca, passando pelas terras dos divisores de água dos igarapés Paranãzinho, Catuquina e do próprio Timbaúba, até alcançar a picada que delimita a Terra Indígena Rio Gregório, já regularizada pela Funai. Segue-se depois por essa mesma picada, passando pelas cabeceiras dos igarapés Apiuri e Paturi, nos limites da Terra Indígena Rio Gregório. No ponto de inflexão da picada dos limites dessa terra indígena, traça-se uma linha seca até as cabeceiras do igarapé Curvão, afluente da margem esquerda do igarapé Primavera. Daí desce o curso natural do igarapé Curvão até sua confluência com o igarapé Primavera. Sobee-se então, o curso do igarapé Primavera até alcançar a foz do igarapé Tracua, seu

afluente da margem direita. Sob-se o Tracua até a foz do igarapé Grande, seu afluente da margem direita. Deste ponto, sob-se pelo curso do igarapé Grande até suas cabeceiras. Daí tira-se uma linha seca das cabeceiras do igarapé Grande até às cabeceiras do igarapé Boi, acompanhando os divisores das águas do rio Tarauacá com o igarapé Primavera. Passando, neste trecho, pelas nascentes dos igarapés Floresta, Jaci, Torre da Lua, Vai-Quem-Quer, Bregueço, Fortaleza, Vaca e Boi, afluente da margem direita do igarapé Primavera. Das cabeceiras do Boi traça-se uma linha seca até o rio Tarauacá, em sua margem esquerda. Daí desce-se o curso do rio Tarauacá, atravessando a foz do igarapé Primavera, até a foz do Timbauba, ponto inicial desta descrição dos limites da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera".

O igarapé Paranazinho constitui a parte central desta terra indígena. Todo o seu curso está incluído nessa terra indígena, enquanto que apenas um trecho do igarapé Primavera, compreendido entre sua foz com o rio Tarauacá até seu médio curso, está situado em seus limites. É justamente no Paranazinho, afluente da margem esquerda do igarapé Primavera, que estão localizadas as suas principais áreas de caça, pesca e coleta de produtos alimentares e não-alimentares da floresta.

Os índios kampa do igarapé Primavera são senhores da posse permanente das terras localizadas no interior dos limites acima descritos. Cabendo-lhes o usufruto exclusivo de suas riquezas, dos solos e dos rios nelas existentes. Os Kampa ocupam essas terras como local de habitação permanente, onde realizam as atividades necessárias a sua sobrevivência, retirando do local seu sustento. Enfim, a demarcação física dos limites dessa terra indígena será de fundamental importância para os Kampa do Igarapé Primavera.

LUIZ FERNANDO MACHADO DE SOUZA

Diretoria de Assuntos Fundiários  
Departamento de Demarcação

Memorial Descritivo de Delimitação

Denominação  
Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera  
Aldeias Integrantes  
Torre da Lua e Boca do Água Fria  
Grupo Indígena  
Kampa  
Localização

Município: Tarauacá

Administração Regional: ADR de Rio Branco

Estado: Acre

Extremo	Coordenadas dos Extremos		Longitude
	Latitude		
Norte :	08°33'08,38" S		71°43'00,10" Wgr
Leste :	08°41'12,00" S		71°37'37,00" Wgr
Sul :	08°41'46,00" S		71°46'53,00" Wgr
Oeste :	08°36'50,18" S		71°50'27,19" Wgr

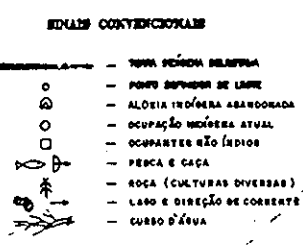
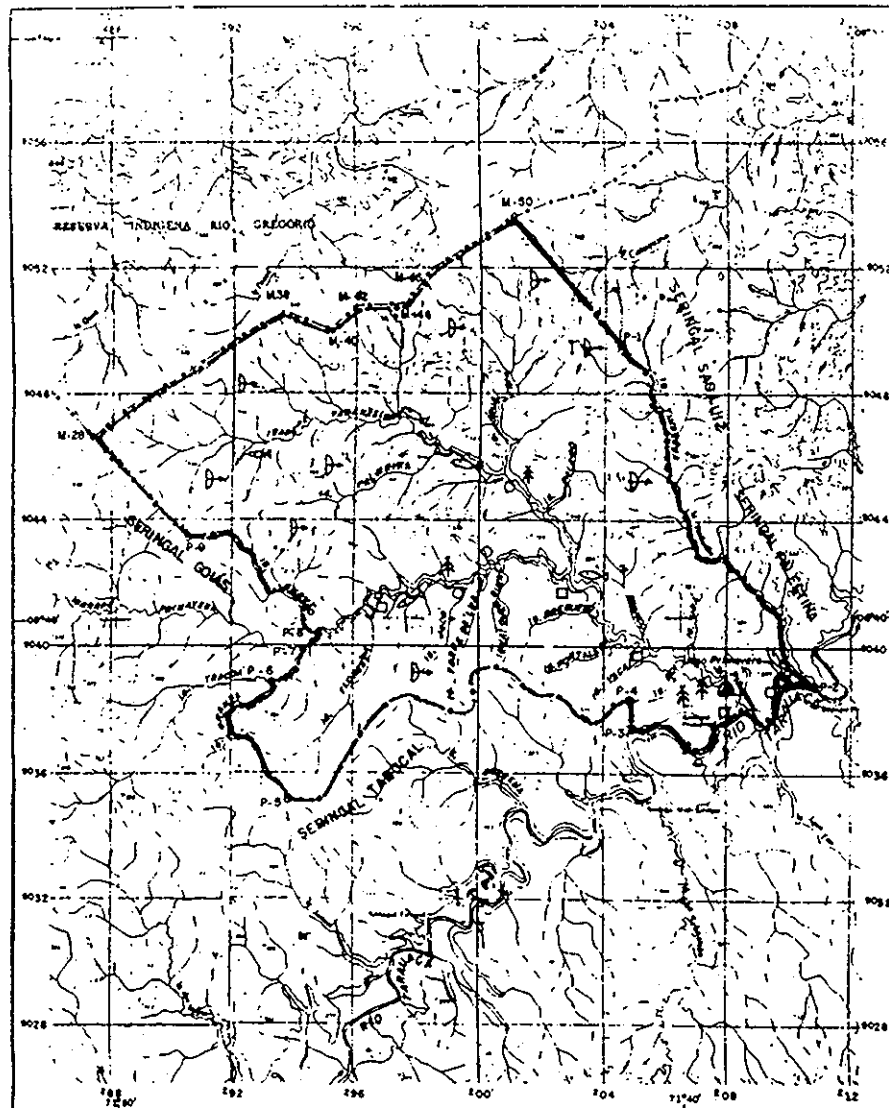
Nomenclatura	Base Cartográfica		Órgão	Ano
	Escala			
SC 19-V-A-IV	1:100.000		DSG	1986

Dimensões:

Superfície: 21.800 ha (vinte e um mil e oitocentos hectares) aproximadamente.  
Perímetro: 82 km (oitenta e dois quilômetros) aproximadamente.

Descrição do Perímetro

NORTE: partindo do Marco M-28 de coordenadas geográficas 08°36'50,176" S e 71°50'27,194" Wgr.; segue-se por uma linha retas até o Marco M-38 de coordenadas geográficas 08°34'42,245" S e 71°47'00,144" Wgr.; daí, segue-se por uma linha reta, até o Marco M-40 de coordenadas geográficas 08°35'01,306" S e 71°46'10,158" Wgr.; daí, segue-se por uma linha reta até o Marco M-42 de coordenadas geográficas 08°34'37,131" S e 71°45'42,787" Wgr.; daí, segue-se por linha reta até o Marco M-44 de coordenadas geográficas 08°34'34,443" S e 71°44'51,966" Wgr.; daí, segue-se por uma linha reta até o Marco M-46 de coordenadas geográficas 08°33'58,032" S e 71°44'21,003" Wgr.; daí, segue-se por uma linha reta para o Marco M-50 de coordenadas geográficas 08°33'08,378" S e 71°43'00,095" Wgr.; do marco M-28 até o marco M-50, confronta-se com o limite da T. I. Rio Gregório. LESTE: do marco antes descrito, segue-se em linha reta até o Ponto P-1 de coordenadas geográficas aproximadas 08°35'19" S e 71°41'05" Wgr.; situado na margem direita do Igarapé Timbauba; daí, segue-se pelo referido igarapé, a jusante, até o Ponto P-2 de coordenadas geográficas aproximadas 08°41'12" S e 71°37'37" Wgr.; situado na sua confluência com o Rio Tarauacá. SUL: do ponto antes descrito, segue-se a montante pelo Rio Tarauacá, até o Ponto P-3 de coordenadas geográficas aproximadas de 08°41'56" S e 71°40'55" Wgr.; situado na margem esquerda do referido rio; daí, segue-se por uma linha reta até o Ponto P-4 de coordenadas geográficas aproximadas de 08°40'52" S e 71°40'35" Wgr.; situado na nascente do Igarapé do Igarapé do Boi; daí, segue-se por um divisor natural de águas até o Ponto P-5 de coordenadas geográficas de 08°42'46" S e 71°46'53" Wgr.; situado na nascente do Igarapé Grande. OESTE: do ponto antes descrito, segue-se a jusante, pela margem direita do Igarapé Grande até o Ponto P-6 de coordenadas geográficas aproximadas de 08°41'05" S e 71°47'09" Wgr.; situado na sua confluência com o Igarapé Tracua; daí, segue-se a jusante, pelo Igarapé Tracua até o Ponto P-7 de coordenadas geográficas aproximadas 08°40'32" S e 71°46'36" Wgr.; situado na sua confluência com o Igarapé Primavera; daí, segue-se a jusante pelo Igarapé Primavera até o Ponto P-8 de coordenadas geográficas aproximadas de 08°40'16" S e 71°46'19" Wgr.; situado na confluência do Igarapé Curvaõ; daí, segue-se a montante, pelo Igarapé Curvaõ até o Ponto P-9 de coordenadas geográficas aproximadas de 08°38'36" S e 71°48'39" Wgr.; situado na sua nascente; daí, segue-se por uma linha reta até o Marco M-28, início da descrição deste perímetro. A Base Cartográfica utilizada refere-se às folhas SC.19-V-A-IV, da Diretoria de Serviço Geográfico, escala 1:100.000, ano 1986. Responsável técnico: Erasmo Belucci, Engenheiro Agrimensor, ADR Rio Branco/FUNAI.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF			
TERRA INDÍGENA KAMPA DO IGARAPÉ PRIMAVERA		DELIMITAÇÃO	
Município: TARAUACÁ		Superfície: 21.800 ha	
Estado: ACRE		Perímetro: 82 km	
RBR		Data: 13/05/96	
Número: 1204/93		Data: 13/05/96	

DESPACHO Nº 27, DE 9 DE JUNHO DE 1997

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1389/97. Referência: Terra Indígena WAWI. Interessado: Grupo Indígena Suyá. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/1389/97, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria da antropóloga Mônica Thereza Soares Pechincha que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena WAWI, de ocupação do respectivo grupo tribal Suyá, com superfície e perímetro aprovados de 149.900 hectares e 228 km respectivamente, localizada no município de Querência, Estado de Mato Grosso.
2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.
3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

JÚLIO MARCOS GERMANY GAIGER

ANEXOS

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA WAWI

Referência: Processo FUNAI/BSB/1389/97. Denominação: Terra Indígena Batovi. Localização: Município de Querência. Estado de Mato Grosso. Superfície: 149.900 ha. Perímetro: 228 km. Sociedade Indígena: Suyá. População: 240 pessoas (1996). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico - Portaria nº 526, de 5 de julho de 1996, coordenado pela antropóloga Mônica Thereza Soares Pechincha.

DOU  
03-07-97  
19.016  
Nº 111 (3)

## FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

### RETIFICAÇÃO

No Memorial Descritivo de Delimitação da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera publicado no DOU de 11 de junho de 1997, Seção 1, página 11964, onde se lê: "Coordenadas dos Extremos - SUL: 08°42'06" S", leia-se: "08°43'06" S, e na Descrição do Perímetro, onde se lê: "até o Ponto P-4 de coordenadas geográficas aproximadas 08°40'52" S e 71°40'35" Wgr", leia-se: "até o Ponto P-4 de coordenadas geográficas aproximadas 08°41'27" S e 71°40'56" Wgr"; e onde se lê: "Ponto P-5 de coordenadas geográficas aproximadas 08°41'27" S", leia-se "Ponto P-5 de coordenadas geográficas aproximadas 08°43'06" S.

(Of. nº 490/97)